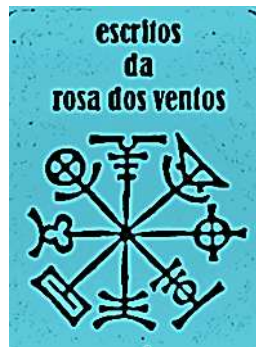


Consciência Cooperativa ou Competência competitiva?

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

Um vendedor de armas e um criador de escolas

Não me lembro o nome do personagem principal, mas recordo o nome do filme: *O senhor da guerra*. É a história de um homem norte-americano que se dedica a vender armas. Ele sabe que pratica uma dos negócios “mais sujos” do mundo. No entanto apenas no quase final do filme ele demonstrará algum remorso, quando vê em um país muito pobre da África, os “estrágos humanos” que os seus “negócios sujos” provocam. Pois, afinal, ele ganha milhões de dólares vendendo a quem queira comprar – pois ele não faz escolhas, a não ser movidas pelo interesse em “ganhar mais e mais” - utensílios úteis para a guerra. Sabemos eu ele não está sozinho. Ele participa de um dos quatro “negócios ilícitos mais lucrativos do mundo” segundo dados oficiais da ONU. Eles são: a venda de armas; a venda de pessoas (de mulheres principalmente, para a prostituição, um “negócio” que em um ano gera algo ao redor de 32 bilhões de dólares); a venda de drogas; a venda de animais silvestres (muitos deles saídos aqui do Brasil). Se não me engano, o filme retrata um personagem real e uma história real.

Mas existe um outro, e também um norte-americano. Dele eu tenho dados bastante mais precisos, pois estou lendo: *A terceira xícara de chá* e o sub-título escrito na capa é: *a história de um homem que combateu o terror com escolas e livros no Afeganistão e no Paquistão*. Seu nome é Greg Morteson. Ele está vivo ainda, vive nos EUA quando não está entre aldeias dos dois países onde semeou 48 escolas e espalhou milhares de livros. Eu me interessei pelo livro porque Greg Morteson é também um “escalador de alta montanha”. Quando eu era jovem fui também um “escalador”... mas de baixa montanha. Durante alguns anos dediquei-me a escalar montanhas de minha cidade e de meu estado natal, o Rio de Janeiro. Nunca fui um escalador conhecido, longe disto, mas cheguei a fazer o curso da “Escola de Guias do Clube Excursionista Rio de Janeiro”. E o diploma que consegui é um dos únicos que tenho na parede de minha casa. Os outros também são ligados a escaladas e excursões. Algumas linhas abaixo e eu estarei falando sobre um deles. Até hoje considero “escalar montanhas” como uma das coisas mais nobres e notáveis que um ser humano possa fazer em sua vida. E como há muitos a nos não escalo mais montanha alguma (nem as mais fáceis, as que em geral classificamos como de: “primeiro grau”), leio todos os livros sobre escaladas que me caem nas mãos.

A história de *A terceira xícara de chá* começa com Greg no limite de suas forças, quase congelado, tentando retornar, sozinho e perdido, de uma tentativa fracassada de escalar uma montanha do Paquistão curiosamente denominada apenas: K2. Escrevi o seu nome com letras maiúsculas pelo enorme respeito que tenho a ela. O K2 não é a mais alta montanha da Terra. Perde para o Everest (muito mais fácil de escalar) e mais algumas duas ou três montanhas do Himalaia. Tem também mais de oito mil metros de altura e é conhecida como a mais desafiadora e difícil escalada do mundo. Pelo menos cinqüenta

homens morreram na sua subida ou descida. Em geral na montanha se morre mais na descida da volta do que na subida da ida.

Ele foi encontrado, quase á morte, por um guia do lugar. Foi levado por ele até uma minúscula aldeia de montanheses, Korphe. Ali foi acolhido por pessoas muito pobres que, como costumam fazer os pastores e camponeses pobres, trataram do desconhecido com o melhor eu possuíam. Ali ele se recuperou depois de vários dias. Dali foi embora, mas voltou várias vezes. Conviveu com as pessoas e, principalmente, com as crianças do lugar. Ficou sabendo que a aldeia, como incontáveis outras, tinha uma precária escola ao ar livre. Imaginem um “ar livre” em uma aldeia a seis mil metros de altitude. Foi deste livro que eu retirei uma epígrafe para um de nossos *cadernos*. Como ele foi um dos primeiros, não custa recorda-la aqui.

Ela é a resposta que um outro aldeão das montanhas dá a Edmund Hillary, o mundialmente conhecido escalador neozelandês de montanhas, por ter sido o primeiro homem que, junto com o guia nepalês, chamado Tenzing, escalou o Everest. O diálogo entre os dois é assim:

- *Diga-nos, se houvesse algo que pudéssemos fazer por vossa aldeia, o que seria?*

- *Com todo o respeito, Sahib, tendes pouco a nos ensinar em termos de força e resistência. Não invejamos vossos espíritos inquietos. Talvez sejamos mais felizes do que vós. Mas gostaríamos que nossos filhos estudassem. De todas as coisas que possúis, o aprendizado é o que mais desejamos para nossos filhos. (2007:35).*

Não fiquei sabendo se Edmund Hillary, na década do anos cinqüenta, levou a sério o pedido de Urkien Sherpa, o guia e pastor do Nepal. Mas, de acordo com o que está escrito em *A terceira xícara de chá*, Greg Mortenson levou. Mesmo sem ser um homem rico, ele resolveu dedicar sua vida e os seus recursos a construir escolas. Ao despedir-se de Korphe, prometeu ao “chefe da aldeia” que voltaria e construiria uma escola ali. Retornou de fato. Abandonou a escaladas de altas montanhas e dedicou-se a um desafio bastante maior: espalhar livros e construir escolas em zonas montanhosas e socialmente muito conflitadas e perigosas da fronteira entre o Paquistão e o Afeganistão.

Ora, desde um ponto de vista da moderna economia e segundo a imensa maioria daqueles que escrevem colunas e editoriais nos cadernos de “dinheiro, negócios e economia” em jornais como *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, o homem do filme seria um ótimo exemplo de um empreendedor “sujo, desonesto e desumano”. E o homem do livro seria um bom exemplo de um empreendedor muito humano, mas financeiramente estranho e não-recomendável. Como a maioria das pessoas que em todo o mundo dedicam-se a “produzir escolas e a vender a educação”, o seu “negócio” na Ásia é totalmente “não lucrativo” e, portanto, inútil, desde o ponto de vista da economia

neoliberal. Ele poderia (e mereceria) ganhar um “Prêmio Nobel da Paz”, mas como “homem de negócios” ele é um exemplo a não ser seguido. Provavelmente ele não terá tomado conhecimento de que em uma assembléia geral de alguns anos passados, a *Organização Mundial do Comércio* decretou que a educação, assim como a saúde e a previdência social, é uma “mercadoria” e um “negócio” como tantos outros.

Eficiência, competência, competição – consciência e cooperação

Quando escreveu o seu livro *As origens da virtude – um estudo biológico da solidariedade* o biólogo Matt Ridley lembra algo interessante e nem sempre reconhecido. Ele escreve que o oposto da *guerra* não é a *paz*. É o *comércio*. Se ele tivesse lido o *Ensaio sobre o dom*, de Marcel Mauss, com quem nos encontramos no *caderno* com este título: *ser humano, ser recíproco*, ele teria por certo escrito que o oposto da guerra é a *troca*, a *reciprocidade*. Quando os nossos ancestrais descobriram (e foi muito cedo) que era mais proveitoso trocar pessoas, bens e mensagens, ao invés de guerrear por elas, eles descobriram ao mesmo tempo, a *troca*, o *comércio*... e a *paz*.

Se vocês recordarem agora momentos de alguns *cadernos* anteriores, lembrarão que os dois processos sociais que nos tornaram *humanos* têm a ver com a *produção* (a transformação de coisas da natureza em objetos da cultura) e com o *comércio*, em seu sentido mais amplo e mais generoso (a circulação de bens entre pessoas).

No entanto, desde a antiguidade mais remota aos dias de hoje, as atividades sociais que nos fizeram “sermos quem somos, seres humanos”, são as mesmas que se dividem (e nos dividem) entre guerra e paz; entre posse e troca; entre individualismo e solidariedade; entre competição e cooperação. Entre pessoas que, em um extremo, são como o personagem de *O senhor da guerra* e, no outro, como a pessoa de *A terceira xícara de chá*.

Nada mais adequado e intrigante para verificar isto, do que percorrer a listagem de alguns livros dirigidos a pessoas do “mundo dos negócios” e traduzidos para o Português. Alguns deles estão na lista dos “livros mais vendidos”, há várias semanas. Vejamos.

De um lado temos livros como: *A arte da guerra* (a tradução para o mundo dos negócios de um clássico arcaico da literatura japonesa), *A tropa de choque das vendas*, e *O vendedor Pit-Bull*. Do outro lado temos: *Jesus Cristo, o maior psicólogo do mundo*, *O monge e o executivo*, *Como se tornar um líder servido – princípios de liderança de “o monge e o executivo*, *O código beneditino de liderança – organização e gerenciamento de empresas de resultados*. Neste último livro, a imagem sisuda de São Bento, o fundador da Ordem Beneditina, há mais de mil e quinhentos anos, aparece segurando um bastão de madeira logo abaixo do título.

Esta listagem poderia ser bastante maior. E, no intervalo entre um lado e o outro, podemos colocar talvez a quantidade maior de livros sobre o assunto. Ali estariam os inúmeros livros que oscilam entre o dois pólos até aqui considerados: o da *competição*, cujo extremo é a *guerra*, e o da *cooperação*, cujo extremo é a *conciliação* e a *paz*.

Produtividade, desenvolvimento e qualidade de vida

A oposição de títulos acima de modo algum é um acaso. Ao contrário, ela reflete bem - tal como algumas diferenças entre propagandas de escolas particulares - duas visões claramente antagônicas entre aqueles que se dedicam ao que chamamos de modo geral de “atividades de mercado”.

De um lado, estão aqueles que pensam, escrevem e praticam atividades de empreendimentos produtivos ou comerciais, em “estado de guerra”. Aqueles a quem em outros *cadernos* chamei de “competentes-competitivos” são o seu exemplo. Eles são capacitados e treinados (mas não educados e formados) para viverem o seu trabalho como algo centrado no *ter*, no *vencer*, no *conquistar* e no *competir*. O mais grave de tudo é que este “espírito gerencial de competição” tende a estender-se do “mundo dos negócios” para todos os outros. Eles invadem a gestão da vida pública, através de uma “política aguerrida” e de um “governo forte e competitivo”. Invadem o campo da saúde, da educação, de toda a vida de todas e todos nós, enfim. Se vocês prestarem atenção, verão que quase todos os filmes, inclusive para crianças e jovens, e todas as nossas novelas estão envolvidas, de maneira aberta ou disfarçada, neste “espírito de competição”. Fora dele nada “tem graça”. É “nisto” que está o “sucesso” tanto do Harry Potter quanto do Big Brother Brasil.

Mesmo quando os “bons” - triunfam, e quase sempre acontece assim - toda a trama das estórias e das histórias é um entrelaçamento de intrigas, de competições, de lutas e de conquistas. Ou se vence e se alcança o sucesso (e a felicidade), ou se perde e se cai no esquecimento. Se vocês prestarem mais atenção ainda, verão como nas revistas mais vulgares, com “Caras”, por exemplo, até mesmo o amor, o enamoramento, a vida afetiva e sexual aparece como um acontecer próximo a um outro mercado. As pessoas se trocam, se traem, de juntam e se deixam, se compram e vendem. A “grande mulher” é a “mulher de sucesso” que “venceu na vida e no amor” (ou seja, no jogo do mercado e no jogo do sexo). Nunca é lembrada com a mulher pobre, casada há 30 anos, mãe de quatro filhos que educa com sacrifícios, e uma quase antiquada “mulher honrada e prestativa”.

Mas há um outro lado.

Nele estão os que se inspiram mais em *O monge e o executivo* do que no *O vendedor Pit-Bull*. Aqueles que concebem o “mundo dos negócios” não como um mundo de pessoas compradas e vendidas e trocadas através das coisas”, elas mesmas concebidas como “bons produtos” ou “mercadorias como as outras”, mas como um “mundo de coisas doadas, trocadas, compradas e vendidas por e através de pessoas”.

Nele estão as mulheres e os homens que sabem que ao invés de trazermos a *lógica do mundo dos negócios para a vida*, devemos levar uma *ética da vida para o mundo dos negócios*". Pois ser *eficiente, produtivo e empreendedor*, tomados como valores e como fundamentos da ação social realizada através do produzir-e-comercializar, em nada é contrário a uma vida e a um trabalho regidos por valores como: *competência-consciente, solidariedade e sentido do humano*.

Vemos que a diferença entre o uma *posição empreendedora* e a outra pode ser percebida com facilidade se prestarmos atenção ao que grandes empresas de todos os ramos estão: a) apenas produzindo e comercializando por puro interesse financeiro, b) estão produzindo e estão realizando em planos sociais ou ambientais, mas movidas por um interesse de *marketing* e de propaganda; c) estão produzindo e estão realizando, porque desejam conciliar os dois lados da *economia moderna e humanista*: a produção e gestão de bem comum + a produção e gestão de produtos e de lucros. Neste caso, empresas e homens e mulheres de negócios *empreendedores* nos dois sentidos da palavra. Primeiro sentido: como gestores empresariais de *negócios*. Segundo sentido: como promotores sociais de *bem comum*.

Sempre, como nos nossos cadernos antecedentes, a diferença de *qualidade* está no dilema: "sou feliz e me sinto realizada(o) quando *tenho*, venço, conquisto, comando, acumulo, enriqueço?" Ou: "sou feliz quando *sou*, trabalho, comungo, participo, partilho, troco, vivo uma vida equilibrada, harmoniosa e simples?" "A *qualidade de minha vida* é regida por *valores individualistas* de posse e poder, ou por *valores individuais* de dom e de participação?"

Saber gerir, saber liderar, saber empreender, saber partilhar

Quando James C. Hunter, autor do livro *O monge e o executivo* (ele ficou rico com a publicação deste livro, depois do que aprendeu no mosteiro com o monge. Mas será que voltou lá para repartir o que ganhou com o monge, com o mosteiro ou com os pobres?) escreveu um segundo livro: *Como se tornar um líder servidor – os princípios de liderança de o monge e o executivo* (acho que ele vai ficar mais rico ainda) ele enumera alguns valores e princípios do que seria um *ser empreendedor... sendo humano*.

Em primeiro lugar ele define e redefine o que é ser líder, ou exercer a liderança. Vejamos.

DEFINIÇÃO DE LIDERANÇA – A habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasmamente visando atingir objetivos comuns.

*Ao longo dos últimos anos, modifiquei um pouco essa definição, à medida que meu conhecimento e experiência de liderança evoluíram.
Hoje defino liderança da seguinte maneira:*

A habilidade de influenciar pessoa para trabalharem entusiasticamente visando objetivos comuns, inspirando confiança por meio do caráter. (2006:18).

Logo abaixo Hunter avisa ao leitor que nesta sua segunda definição as palavras mais importantes são: *habilidade, influenciar e caráter*. Vejam que a terceira não existia na primeira definição e tornou-se essencial na segunda. O que de nos faz voltar à epígrafe de seu livro, quando ele escreve algo que eu assinaria em baixo, e creio que você também.

Ele oferece o livro: *para aquele que primeiro me ensinou que liderar é servir*.

Creio que terá sido o monge. Mas, o que importa, é que ao longo de seu livro, o autor sempre associa o *liderar* com o *aprender* e, principalmente, o *ensinar*. Eis-nos diante do que eu gostaria de denominar um *empreendedor-educador*.

Ao contrário dos valores do competitivo-competente, para quem aquele que aprendeu e sabe, oculta o seu saber para dirigir “os que não sabem”, ou torna o que sabe um produto e uma mercadoria que ele vende a quem compra, aqui o saber empreender e liderar associam-se à troca. Lidero quando ensino e empreendo de fato quando partilho com os outros o meu saber e o poder de minha gestão.

De outra parte, ao invés de associar o *empreender* ao competir, ele prefere vincula-lo a um compartilhar que acaba desaguando em uma experiência de vida e de relação com o outro que nos tem acompanhado ao longo de nossos *cadernos*: o *amor*. E, a respeito deste sentimento que deve ser o princípio e a finalidade de quem lidera, ele diz palavras que não nos parecerão muito distantes das que já conhecemos de outros autores.

Para os propósitos deste livro. O amor será definido como:

O ato de se por à disposição dos outros, identificando e atendendo suas reais necessidades, sempre procurando o bem maior (2006:49).

Conseqüência.

Também no mundo dos negócios empresariais, podemos não apenas nos relacionar de uma maneira amorosamente competente e cooperativa, no complexo das interações entre aqueles e aquelas que “trabalham para realizar objetivos comuns”, como podemos também, em um plano mais amplo e socialmente aberto, destinar os nossos objetivos comuns não apenas a nós mesmos e aos nossos ganhos, mas ao *bem comum*. Ao benefício das pessoas e das suas comunidades.

Esta seria uma compreensão de liderar, empreender e produzir, como um *serviço*, como um servir aos outros através de um *trabalho* que ganha, então, a dimensão de uma também *ação social*. Quando aqui e ali se fala em “humanizar o mundo do trabalho”, esta proposta deve abarcar estas duas dimensões, pelo menos: o trabalho realizado como uma

experiência justa, participativa e amorosa de trocas de saberes e ações de gestão e produção; o trabalho destinado a criar para servir e, não apenas, a *produzir para ganhar*.

Solidariedade - em direção a uma outra maneira de gerar bens e produzir

Podemos pouco a pouco aprender a conviver uma outra *ética* e como outros *valores* em uma vida produtiva e empreendedora. Talvez poucas pessoas tenham ouvido falar em uma nova prática de produção, circulação e consumo de bens e de serviços, que sem muito alarde – pois ela caminha bem distante da “mídia” – difunde-se por todo o mundo. Falo da *socioeconomia solidária*.

E trago de saída uma quase-definição dela.

Na contracorrente do sistema e da ideologia dominantes, registra-se um importante e sólido movimento de construção de um mundo melhor (...). Entre as várias dimensões desse esforço coletivo internacional estão os elementos constitutivos de uma outra economia. Processos, instituições, valores, manifestações, etc. designados por nomes e conceitos diversos: socioeconomia solidária, economia popular solidária, economia do trabalho, empresas autogestionárias, novo cooperativismo, investimento ético, empresa social, redes de consumo solidário e outros tantos,. São fenômenos que correspondem, por um lado, a algo bem concreto (instituições formais, práticas sociais), por outro, a dimensões abstratas, como projetos. Valores, percepções, etc. que não correspondem à economia e práticas convencionais¹.

Em muitos lugares aqui mesmo do Brasil, pessoas, grupos de pessoas e redes entre grupos de pessoas dedicadas a uma forma alternativa de geração de trabalho e de produção de bens e de serviços, tem criado as mais diversas experiências de pequenas instituições de *trabalho cooperativo*, de *produção orgânica e solidária* de alimentos e de outros bens da vida, de *trocas solidárias de serviços*. Não sei se você sabe, mas existe mesmo uma Secretaria Especial ligada à Presidência da República, dedicada à promoção e à difusão de alternativas de *economia solidária*. Em todo o mundo difundem-se pequenas, médias e até grandes empresas que adotam um sistema cooperativo de trabalho, gestão e produção.

Trata-se de criar pequenos espaços sociais de trabalhos autônomos, em que pessoas profissionalmente capacitadas e diferenciadas se unem para gerar as suas próprias alternativas empresariais. E uma *economia solidária* centrada no *ser de pessoas* e, não, no *ter do lucro*, floresce entre nós sob as mais distintas experiências. A seu e respeito existem já publicações, inclusive com o relato de inúmeras experiências bem

¹ Idem, ibidem, pg. 11

sucedidas. Ninguém pretende enriquecer com a prática da *socioeconomia solidária*. Mas ela se propõe gerar uma vida fecunda, simples e solidária para um número sempre maior de pessoas.

Podemos aprender segundo a trilha da *socioeconomia solidária* a re-criar no âmbito dos *círculos sociais de nossas vidas cotidianas*, novas e fecundas *relações solidárias de partilha da vida*. Podemos nos unir para gerar pequenas redes e unidades comunitárias de ação social e ambientalista. Podemos pensar em *cooperativas de trabalho solidário* entre pessoas cansadas de se submeterem a qualquer emprego. E mais: redes de trocas comunitárias de serviços entre as pessoas; grupos e redes de produção e consumo solidário.

Afinal, porque despejar o pouco dinheiro que eu ganho em um supermercado, se eu posso descobrir como adquirir boa parte do que preciso entre pessoas como eu, de meu próprio mundo, injetando com elas o meu dinheiro em nossa própria comunidade? Pequenas caixas solidárias de ajuda mútua, em que com o pouco que cada um pode aportar, reunimos o bastante para ajudar por algum tempo quem precisa de algum dinheiro extra.

Podemos, enfim, aprender a convivermos entre nós partilhado com outros as nossas vidas e construindo entre nós uma *sociedade solidária*. Uma comunidade humana que aprenda instaurar “aqui onde nós vivemos”, o primado do *valor de uso* (o da trocas de dons em lugar das vendas de bens), do trabalho emancipado e a serviço do desenvolvimento humano.

Um dos mais ativos difusores desta nova proposta já nos é conhecido de outros *cadernos*. Falo de Marcos Arruda e de seus dois livros (na verdade, os dois primeiros de uma série de três): *Humanizar o infra-humano* e *Tornar o real possível*. Um outro livro bastante útil e fácil de ser lido é o *Introdução à economia solidária*, de Paul Singer. Um outro ainda, escrito por um número muito grande de teóricos e de praticantes da *socioeconomia solidária* e o *A outra economia*, coordenado por Antônio David Catani.

A troca e a reciprocidade em “minha vida” – um exercício para educadores

Participar com os outros próximos de mim uma “outra economia”, um “outro gerenciamento de minhas compras e vendas”. E, no entanto, seria tão possível se nós quiséssemos começar a viver “assim”. Experimente tomar uma semana de suas férias (sei que é muito!) e ande pelo seu bairro como quem nada conhece dele. Deixe de lado o institucional e o conhecido, e mergulhe no desconhecido.

Procure levantar, junto com outras pessoas amigas, “quem é quem” em sua rua, em seu bairro, na sua vizinhança. E você descobrirá que dentro de seu próprio círculo de vida cotidiana existe um número razoável, talvez muito grande mesmo, e muito criativamente variado, de mulheres e de homens que entre raros e preciosos pães caseiros

até trabalhos artesanais de fina arte, criam e recriam uma coleção de bens de consumo (pães, queijos, produtos naturais da horta ou do pomar, pequenos móveis, roupas e tudo o mais) e de serviços. Pessoas que sabem, e muito bem: cuidar de crianças, ensinar francês, lidar com as plantas do jardim, curar pequenas enfermidades com remédios da sabedoria popular).

Você encontrará entre casas e ruas, entre pessoas e famílias, um suprimento de *criadores de bens e fazedores de serviços* bem maior e bem mais variado do que você imagina. Talvez não tão fáceis de comprar e não tão “sedutores” como a coleção rotulada e tão enganosamente diversificada povoa as prateleiras dos supermercados. Mas serviços e bens dotados de um valor de qualidade ética no fazer, e de dedicação pessoal no compartilhar, que suprem com sobras justamente o que falta hoje em dia no imenso e impessoal “mercado de bens e de serviços” do mundo dos negócios.

Experimente entrar nesta rede invisível, presente e mais útil e próxima do que você pensa. Reveja este plano de sua vida. Comece por aí: de quem você compra o que? A quem você serve através de seu *labor*, de seu *trabalho* e de sua *participação*, em suas *ações sociais*? De que maneira seria possível despertar “o lugar onde eu moro, o lugar onde nós vivemos”, de tal maneira que aos poucos fossem sendo criadas pequenas e sólidas *unidades de produção solidária de bens e de serviços*? Afinal, porque levar grande parte do dinheiro que você ganha com o seu trabalho aos grandes supermercados, quando você e as pessoas de seus círculos de parentesco, de amizade e de vizinhança poderiam inter-trocar entre todas e todos, os seus ganhos, os seus bens, os seus dons e os seus serviços?”

Estas pequenas dimensões da vida cotidiana poderão ser verdadeiras e efetivas. Mas não são as únicas. Na verdade podemos estender a esta nossa *criatividade* até as dimensões de ações empreendedoras e participativas em que criarmos, nós próprios, os termos essenciais de nossas vidas, de nossos destinos e dos mundos em que vivemos nossas vidas e destinos pessoais e coletivos.

Afinal, somos “a gente de um lugar”. Mas, somados entre nós e estendidos às redes de pessoas conscientes, amorosas, solidárias e participativas que cobrem toda a Terra, somos seres que partilham com outros *seres da vida*, de um *espaço natural* – uma natureza em comum, um meio ambiente, um bioma, um nicho ecológico... ou vários. E somos as pessoas que tornam real, vivo, partilhável e significativo um *lugar social*: uma casa, uma rua, uma escola, uma igreja, um bairro, uma ONG ambientalista, uma cidade, uma nação... um mundo, uma humanidade.

Possuímos diferentes *experiências de vida*, diferentes *formações* obtidas em algumas das diversas unidades de educação por onde passamos e seguimos passando. Vivemos diferentes *vocações de vida* e exercemos os nossos *trabalhos* no campo de diversas *ocupações e profissões*. Somos fontes originais de vivências, de saberes e de sensibilidades. Assim sendo, somos *diferentes* uns dos outros, mas não somos *desiguais*

uns diante dos outros. Compartimos diferentes *modos de vida*, vivendo em uma mesma cidade, assim como partilhamos *visões da vida* e *visões de mundo* ora semelhantes, ora diferentes, ora até mesmo divergentes.

Quase todas as *ações sociais* de que estaremos falando aqui são decididas e levadas a cabo por pessoas reunidas em grupos, em equipes de trabalho, em cooperativas, em associações. Nisto ou naquilo que aqui e ali estamos chamando de *unidades sociais de serviço*.

E é através dessas *unidades de participação* que nos reunimos para pensarmos juntos, para aprendermos uns com os outros e para planejarmos e vivermos as nossas *ações sociais*. É a partir delas que exercemos o nosso dever e poder de nossa *criatividade*. O poder solidário de criamos não apenas coisas, mas vidas e mundos da vida.

Livros lidos, consultados e recomendados

ARRUDA, Marcos

Humanizar o infra-humano

Petrópolis, Editora Vozes, 2003

ARRUDA, Marcos

Tornar o real possível

Petrópolis, Editora Vozes, 2006

BRANDÃO, Carlos Rodrigues

Aprender o amor – sobre um afeto que se aprende a viver

Campinas, Editora Papirus, 2001

CATANI, Antônio David (org)

A outra economia

Porto Alegre, VERAZ Editora, 2003

CHOPRA, Deepak

As sete leis espirituais do sucesso

São Paulo, Círculo do livro, 1994

ELIAS, Norberto

A sociedade dos indivíduos

Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994

GALBRAITH, Craig e GALBRAITH, Oliver

O código beneditino da liderança

São Paulo, Editora Landscape, 2005

HUNTER, James

O monge e o executivo

Rio de Janeiro, Editora Sextante, 2003

HUNTER, James

Como se tornar um líder servidor

Rio de Janeiro, Editora Sextante, 2006

MORTENSON, Greg e RELIN, David Oliver

A terceira xícara de chá

São Paulo, EDIOURO, 2007

RIDLEY, Matt

As origens da virtude – um estudo biológico da solidariedade

Rio de Janeiro, Editora Record, 2000

SINGER, Paul

Introdução à economia solidária

São Paulo, Editora da Fundação Perseu Abramo, 2002